

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Fotografía, esporte-lazer e violência simbólica. Imagens das Colônias de Hansenianos no Brasil.

José Augusto Leandro, Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior y Gabriel de Lara.

Cita:

José Augusto Leandro, Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior y Gabriel de Lara (2009). *Fotografía, esporte-lazer e violência simbólica. Imagens das Colônias de Hansenianos no Brasil*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1916>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Fotografia, esporte-lazer e violência simbólica

Imagens das Colônias de Hansenianos no Brasil

José Augusto Leandro¹

jleandroprof@yahoo.com.br

Constantino Ribeiro de Oliveira Júnior²

constantinojr@uol.com.br

Gabriel de Lara³

gabrieldejarahistoria@hotmail.com

Introdução

Este texto traz resultados do projeto *Imagem e Violência Simbólica: o esporte e o lazer nas representações fotográficas das colônias de hansenianos no Brasil*, vinculado ao Programa de Iniciação Científica/ PIBIC da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

O trabalho empreendido refletiu sobre as interfaces entre fotografia, práticas de esporte-lazer e política de saúde para os chamados “leprosos” no Brasil entre meados da década de 1920 e o final da década de 1940. A pesquisa imagética foi realizada nos três volumes que constituem a obra *História da Lepre no Brasil* (1946, 1948, 1956) do médico Heraclides Cesar de Souza-Araújo, com ênfase no segundo volume, publicado em 1948, um álbum de fotografias sobre diversos aspectos da hanseníase no país. Uma boa parte desse volume traz imagens do período do isolamento compulsório para os portadores da doença, época em que a política nacional de saúde preconizava, com força de lei, o internamento dos doentes considerados contagiantes em colônias apartadas da sociedade “saudável”.

¹ Professor do Departamento de História e do Programa de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa/ Uepg/. Doutor em História Cultural. Grupo de Pesquisa Esporte, Lazer e Sociedade.

² Professor do Departamento de Educação Física e do Programa de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa/Uepg. Doutor em Educação Física. Grupo de Pesquisa Esporte, Lazer e Sociedade.

³ Estudante de Grado - 4º ano do curso de História-bacharelado na Universidade Estadual de Ponta Grossa, bolsista do programa de iniciação científica/ PIBIC-UEPG, 2008-2009. Grupo de Pesquisa Esporte, Lazer e Sociedade.

Souza-Araújo, hanseníase e fotografias

Os três volumes que constituem a *História da Lepra no Brasil*, do médico natural da província do Paraná (nascido em Imbituva, em 1886), são considerados referências obrigatórias para quaisquer pesquisadores interessados na história da hanseníase no país. Essa obra não foi a única contribuição relevante do esculápio para a saúde pública e, particularmente, para a hanseníase. Ao longo da sua vida, Souza-Araújo dedicou-se quase que integralmente ao tema. Após graduar-se em medicina, em 1915, envolveu-se com saúde pública e trabalhou para o governo do Paraná em pesquisas que resultaram em uma espécie de relatório de suas andanças pelo território paranaense, a obra *A Profilaxia Rural no Paraná*, de 1919. Neste trabalho, uma incursão genérica sobre o ambiente da pobreza, com destaque para doenças parasitárias, já é perceptível a valorização da temática da então chamada lepra, presente em várias páginas no interior da obra.

O envolvimento de Souza-Araújo com a hanseníase parece ter se tornado definitivo na década de 1920, pois ele foi indicado para ser o diretor da primeira colônia de leprosos isolados compulsoriamente no Brasil, o Lazarópolis do Prata, inaugurado em 1924. Esta experiência o esculápio deixou relatada na obra *Lazarópolis do Prata: a primeira colônia agrícola de leprosos fundada no Brasil*, de 1924. Durante a Era Vargas, Souza-Araújo continuou com “carta branca” do governo para a elaboração de diversos planos de profilaxia da doença, levados a cabo em diversas partes do território nacional. Uma das colônias de isolamento compulsório criadas no período varguista foi, inclusive, batizada com o seu nome, o Lazareto Souza-Araújo, próximo à cidade de Rio Branco, no então território do Acre. (SOUZA-ARAUJO, 1948, p. 10).

Ao longo de sua vida profissional, Souza-Araújo publicou um total de 250 trabalhos sobre a hanseníase. Alguns são frequentemente utilizados em trabalhos acadêmicos sobre história da saúde pública relacionada à hanseníase. Entre os mais citados estão *A Lepra em 40 Países*, de 1929, *A lepra e as organizações antileprosas no Brasil*, de 1936, e os três volumes que constituem a “monumental” *História da Lepra no Brasil*. Outra questão a destacar sobre a trajetória do esculápio, relacionada à doença, diz respeito ao fato de que ele foi o fundador do Laboratório de Leprologia do Instituto Oswaldo Cruz, em 1927 (CORRÊA, 1990, p 94).

Souza-Araújo, ao lado de outros médicos do período, como Belisário Penna, por exemplo, foi um dos principais defensores da idéia de segregação dos doentes de hanseníase em localidades apartadas do mundo dito saudável. Foi um dos intelectuais que deu suporte às políticas de exclusão de determinados grupos de doentes no período varguista.

A idéia das colônias de leprosos era atraente a Vargas em virtude da forte correlação existente entre a filosofia por trás desses espaços e sua ditadura. As pessoas que apoiavam tanto Vargas quanto as colônias acreditavam na necessidade de sacrificar a autonomia individual pelo bem comum. Quando o regime de Vargas se tornou mais opressivo, elas racionalizaram as políticas do período como necessárias para a melhoria da população (POORMAN, 2006, p. 75) ⁴.

Desde as suas primeiras publicações, como *A Profilaxia Rural no Estado do Paraná*, de 1919, Heraclides Cesar de Souza-Araújo utilizou-se fartamente de imagens fotográficas para reforçar o seu discurso médico e científico. Em 1948, esse recurso imagético da fotografia foi levado ao extremo com a publicação do álbum sobre as organizações antileprosas, o segundo volume da *História da Lepra no Brasil*.

Hanseníase e fotografia: o álbum de 1948.

Uma boa parte do segundo volume da obra *História da Lepra no Brasil* revela imagens do período do isolamento compulsório para os portadores da doença. O conjunto visual ali reunido totaliza mais de mil fotografias, distribuídas em 380 estampas (pranchas fotográficas), muitas delas trazendo de uma a cinco fotografias no seu interior.

Souza-Araújo, no prefácio da obra, explicitou que as imagens por ele selecionadas dividiam-se em três momentos distintos: a fase precursora da moderna profilaxia (1900 a 1920), a fase da inspetoria de profilaxia da lepra do Departamento Nacional de Saúde Pública (1921-1930) e a fase de Getúlio Vargas (1931-1945). Esta última foi considerada pelo autor como um período de intensificação da profilaxia da moléstia e que implementou, definitivamente, práticas modernas no combate ao mal de hansen.

As fotografias do segundo volume da *História da Lepra no Brasil* já foram utilizadas em algumas pesquisas relacionadas à saúde pública brasileira do início do século XX. Muitas dessas pesquisas fizeram uso das imagens com fins ilustrativos, deixando de explorar as fotografias enquanto um conjunto visual próprio. Neste trabalho buscou-se ir além do entendimento das imagens como meras testemunhas do período segregacionista da história da saúde pública

⁴ Tradução livre dos autores. No original: *Leper colonies appealed to Vargas because of the strong ideological overlap between the philosophy behind them and his dictatorship. The people that supported both Vargas and the leper colonies, for one thing, believed in the need to sacrifice individual autonomy for the greater good. When Vargas's regime became more oppressive, they were able to rationalize his policies as necessary for the improvement of the masses.*

brasileira. O interesse maior foi analisar essas imagens como um campo complexo de significados. A pesquisa refletiu sobre o conjunto imagético como um todo, com sua especificidade discursiva, como uma reunião de fotografias que divulgaram vários aspectos sobre a lepra no Brasil e, mais especificamente, sobre as colônias de isolamento compulsório para os hansenianos.

Nosso interesse maior voltou-se aos aspectos de representação das atividades de esporte-lazer dos hansenianos isolados compulsoriamente entre meados da década de 1920 e o final da década de 1940. Dessa forma, a pesquisa nas fotografias foi realizada tendo como parâmetro que, além de indícios e fontes para a reconstrução do passado, as imagens cumprem papel de representação do passado e, como representações, precisam ser problematizadas:

A arte da representação é quase sempre menos realista do que parece e distorce a realidade social (...) de tal forma que historiadores que não levem em consideração a variedade das intenções de pintores e fotógrafos (sem falar nos patronos e clientes) podem chegar a uma interpretação seriamente equivocada (BURKE, 2004, p. 37).

Metodologia

Num primeiro momento foram selecionadas 105 pranchas fotográficas que continham imagens dos internos em variadas atividades de sociabilidade, ou seja, imagens que retrataram evidentes reuniões grupais dos internos das colônias. Após essa primeira coleta de fotografias, direcionamos o foco da pesquisa para os retratos de atividades de esporte-lazer, as quais somaram 30 estampas/pranchas e um total de 43 fotos.

Em termos metodológicos, foram criadas fichas descritivas para cada imagem, seguindo o conselho de Boris Kossoy, que aponta para uma metodologia a qual leve ao desmonte do signo fotográfico dentro da reunião de imagens. Isso, a partir de dois caminhos, a *análise iconográfica* e a *interpretação iconológica*. A primeira, debruçando-se sobre o lugar e a época da elaboração da imagem e identificando os “detalhes icônicos que compõem seu conteúdo”; a segunda, debruçando-se sobre o significado da imagem, buscando sua face oculta, refletindo sobre “o processo de criação que resultou na representação em estudo” (KOSSOY, 2002, p.58).

Alguns resultados

A partir das fotografias do álbum de 1948 foi possível constatar que nos espaços de segregação para hansenianos ocorriam atividades esportivizadas (futebol, voleibol, basquetebol). Ainda, as fotografias descortinam os enfermos em práticas de lazer, rotineiras ou não – aqui vale

destacar que as imagens foram classificadas a partir do espectro de tempo livre de Elias e Dunning (2003) – como, por exemplo, reunidos para assistir representações teatrais, integrando bandas de jazz, dançando em bailes no interior de clubes, brincando em carnavais de rua, exercitando-se ao ar livre, praticando o *footing*, participando de cerimônias religiosas.

A pesquisa da temática do esporte-lazer foi uma opção dos autores nesse trabalho por considerar, a partir de Elias, que o estudo sobre o desenvolvimento do esporte, sobretudo na demonstração da transformação do código de conduta e sensibilidade na sociedade, permite conhecer um pouco mais a própria sociedade em que esses fenômenos ocorrem (REIS, In: BRUHNS, 2000, p. 134). Ainda, a temática auxilia a possibilidade de se descortinar configurações relativas às relações de poder entre os indivíduos vivendo em determinado espaço.

Cada colônia de hansenianos, por exemplo, possuía seu próprio regimento interno, seu código de conduta. No entanto, a portaria nº 5, de 25 de março de 1947, do Serviço Nacional da Lepra, buscou regulamentar a disciplina interna dos leprosários brasileiros, uniformizando-os. Tal portaria enfatizou a necessidade de se manter, no interior desses estabelecimentos, “a boa conduta, evitando altercações ou discussões com os companheiros” (BOLETIM SNL, março de 1948, p.140). Ainda, portaria do mesmo órgão, de 16 de fevereiro de 1948, regulamentou os esportes e as diversões realizados no interior das colônias, juntamente a outras questões como regime de trabalho, vestuário, manifestações religiosas, comércio e criação e funcionamento de associações de internados. Quanto a esse último item, cabia ao diretor do leprosário “ampla faculdade de fiscalizar” o seu funcionamento (BOLETIM SNL, junho de 1948, p.52-53).

Qual seria a lógica da adoção das práticas de esporte-lazer no interior das colônias de hansenianos? Uma vez com o seu isolamento compulsório decretado, os doentes não poderiam deixar o ambiente físico e os limites espaciais da cidade dos enfermos. Ali passavam a viver até que uma possibilidade de alta médica indicasse o caminho da liberdade. Assim, o “gerenciamento” do tempo livre da população enferma colocava-se como uma importante questão no horizonte dos administradores desses espaços de exclusão. Construiu-se, portanto, um mundo para os hansenianos no qual a infra-estrutura existente trazia inúmeras possibilidades de práticas de lazer e de esporte. Essas práticas, incentivadas e controladas pelos administradores das colônias, agiram também como inibidoras de possíveis fugas e violência por parte dos internos; ao mesmo tempo, forneciam para o mundo exterior uma imagem moderna e humanista das políticas públicas em relação ao tratamento baseado no isolamento compulsório.

Assim, ao representar aspectos de esporte-lazer dos internos das colônias para hansenianos, as imagens fotográficas transmitem a idéia de normalidade corrente no interior das instituições asilares. As fotografias representam a vida social dentro do enclausuramento a partir do modelo da (pretensa) normalidade da vida social externamente à colônia.

Vale aqui descrever duas imagens como exemplos, pois certos aspectos icônicos principais repetem-se em muitas fotografias e estão relacionados à mobilidade dos internos em situações propiciadas pelos momentos de lazer vivenciados.

A primeira delas (foto 1) é da Colônia Mirueira, em Recife, da década de 1940. A imagem mostra grupos de homens e mulheres divertindo-se em época de carnaval, fantasiados, carregando estandarte em que se lê “O Bloco Batutas da Mirueira Pede Passagem”. As crianças, os adolescentes e os adultos retratados na festa estão, aparentemente, felizes. Brincam o carnaval em um espaço aberto, uma rua ampla. Porém, é possível afirmar que a imagem oculta algo extremamente significativo quando se tem em mente que carnaval de rua implica ampla liberdade de ir e vir pelo palco das cidades. Neste caso, a “passagem” pedida pelo bloco “Batutas da Mirueira” não poderia ir além dos portões vigiados da colônia.

A outra fotografia (foto 2), também da década de 1940, retratou, em primeiro plano, dois internos da Colônia Santo Ângelo (Mogi da Cruzes, São Paulo) jogando *ping-pong* (tênis de mesa). Na imagem também é perceptível, ao fundo, internos disputando jogos de tabuleiro. Bem trajados (um jogador veste terno e gravata!), foram capturados por um olhar que ressaltou a mobilidade no exercício do passatempo no interior da colônia.

Destaca-se, nessas fotografias, assim como na maioria das imagens que representaram os internos em práticas de esporte-lazer, o fato de que o receptor, ao olhá-las, terá dificuldades em associar os indivíduos ali presentes como portadores de hanseníase. Esse caráter de negação visual da doença foi perseguido por Souza-Araújo quando selecionou as imagens que representam o universo das colônias de isolamento compulsório (modernas). Essas imagens estão em contraposição aos períodos anteriores (pré-modernos), também presentes no álbum de 1948, em que se vêem várias imagens de indivíduos com evidentes sequelas propiciadas pela moléstia. Uma vez nas modernas colônias de isolamento, a doença, pelo menos do ponto de vista da representação fotográfica, desaparece enquanto uma entidade reconhecível. Este desaparecimento da doença se dá pelo destaque que as imagens conferem à mobilidade dos indivíduos retratados.

Assim, os hansenianos em nada lembram a doença que é representada, na maioria das vezes, pelos danos visíveis ocasionados na pele e nervos periféricos, sobretudo mãos e pés.

Partindo de Bourdieu, podemos afirmar que as imagens fotográficas que retrataram a vida cotidiana das colônias de hansenianos auxiliaram na moldagem de uma violência simbólica no campo das políticas de saúde. Isso porque, para o autor, a violência simbólica realiza-se segundo “formas”: “Dar forma significa dar a uma ação ou a um discurso a forma que é reconhecida como conveniente, legítima, aprovada, vale dizer, uma forma tal que pode ser produzida publicamente, diante de todos, uma vontade ou uma prática que, apresentada de outro modo, seria inaceitável...” (BOURDIEU, 2004, p. 106).

Ao ser publicado em 1948, o segundo volume da *História da Lepre no Brasil* buscou reforçar a legitimação das colônias de hansenianos como locais apartados da sociedade “saudável”. O álbum com suas diversas imagens e, particularmente, com as imagens de esporte-lazer, procurou ocultar o “caráter prisional” dos espaços de segregação dos doentes de hanseníase. Ao retratar os internos com grande mobilidade em atividades esportivizadas – e em algumas atividades de lazer que também remetem à mobilidade, como *footing* e danças de salão, por exemplo – as fotografias sugerem que os hansenianos possuíam, naquele momento, liberdade para ir a qualquer lugar.

Ao acoplar o atributo de liberdade aos internos das colônias de isolamento compulsório para hansenianos no Brasil, as imagens do álbum de Souza-Araújo cumpriram o papel de dar formas de legitimação para uma política pública excludente e segregacionista para determinados grupos de doentes, particularmente os chamados leprosos.

Considerações Finais

O álbum publicado por Souza-Araújo, em 1948, reuniu imagens que procuraram transmitir a idéia de felicidade e harmonia entre os internos das modernas colônias de isolamento compulsório, criadas no Brasil a partir de 1924. Sobretudo o álbum valorizou imagens das colônias criadas na Era Vargas, época na qual Souza-Araújo teve grande participação nos planos de profilaxia da doença. As fotografias destacaram atividades de múltiplas sociabilidades entre os doentes, retratados em bailes, cerimônias religiosas, atividades culturais e de lazer e em atividades esportivizadas.

O historiador Ítalo Tronca, ao refletir sobre a “lepra” no período, cunhou a expressão “pitoresca” para algumas imagens presentes no referido álbum que, segundo ele, seriam agradáveis aos sentidos do receptor (TRONCA, 2000, p.101). Com ele é possível concordar. Mas, indo além, é possível dizer que os internos, pelo olhar do poder, são captados em imagens fotográficas “pitorescas” que sugerem uma (inexistente) liberdade. Assim, o conjunto/reunião de fotografias de atividades de esporte-lazer em colônias de hansenianos deve ser entendido como uma arma eficaz, um discurso conveniente e necessário dos governantes que teimavam em valorizar o isolamento compulsório como uma política pública válida para determinados grupos sociais.



Foto 1 - Carnaval de rua na Colônia Mirueira, Pernambuco, 1940. (fonte: SOUZA-ARAÚJO, H. C. História da Lepra no Brasil Vol. II. RJ: Imprensa Nacional, 1948, p. 144).



Foto 2 - Jogos de tabuleiro e *ping pong* no salão de diversões da Colônia Santo Ângelo, em Mogi da Cruzes, São Paulo, década de 1940. (fonte: SOUZA-ARAÚJO, H. C. História da Lepra no Brasil Vol. II. RJ: Imprensa Nacional, 1948, p. 220).

Referências Bibliográficas

- SNL. *Boletim do Serviço Nacional da Lepra*. Ano VII, n. 1, março de 1948.
- SNL. *Boletim do Serviço Nacional da Lepra*. Ano VII, n. 2, junho de 1948.
- BOURDIEU, P. A codificação. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRUHNS, H. T. *Temas sobre o lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000.
- BURKE, P. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru: Edusc, 2004.
- DUNNING, E. Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra críticos sobre as sociologias convencionais e configuracional de esporte e lazer. In: *História Questões e Debates*, Curitiba, nº 39, p. 11-40, Editora UFPR, 2003.
- KOSSOY, B. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- ORNELLAS, Cleusa P. *O Paciente Excluído: história crítica das práticas médicas de confinamento*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.
- POORMAN, Elisabeth Austin. *The hope of redemption: science, coercion, and the leper colonies of Brazil*. Thesis (History of Science) – Harvard University: Cambridge, Massachusetts. 2006.
- SOUZA-ARAÚJO, H. C. de. *História da lepra no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. 2 (Álbum das Organizações Anti-Leprosas), 1948.
- TRONCA, Italo. *As máscaras do medo: lepra e aids*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.